

## CARTA

Eu, sim. Mas a estrêla da tarde que subia e descia o céu exaustamente esquecida?  
Mas os pobres batendo à porta, pregando, sem resultado, a noite e o dia com seu punho sêco?  
Mas as crianças, que gritavam, com o coração alarmado: «Porque ninguém nos responde?»  
Mas os caminhos, mas os caminhos vazios, com as suas mãos estendidas à-toa...?  
Mas o Santo imóvel, e as músicas dentro de caixas suspirando em silêncio, com as asas fechadas...?

Ah! eu, sim —, porque já chorei tudo, e despi meu corpo usado e triste,  
e as minhas lágrimas o lavaram, e a luz da noite o enxugou.

Mas os mortos, que dentro do chão sonhavam com pombos leves e flores claras...?

Mas os que, no meio do mar, pensavam na mensagem que a praia desenrolaria rapidamente até seus dedos...?

Mas os que adormeceram, de tão excessiva vigília, e eu não sei mais si acordarão...?

Mas os que morreram de tanta espera, e que eu não sei si foram salvos...

Eu, sim. Mas tudo isso, todos êsses olhos postados em ti, no alto da vida,  
não sei si te olharão como eu, renascida de mim e desprovida de lembrança,  
no dia em que precisares de perdão.

1938

CECÍLIA MEIRELES

# Pastor Adormecer

**T**odo o rebanho espalhado  
pela paisagem cinzenta  
de inverno fresco e calado,  
não sei de que se apascenta  
neste chão frio e surrado;  
apenas o meu cuidado  
de bom pastor o sustenta.

Meu gado de criação  
vou-o descendo às canadas  
onde o frio das geadas  
não despiu de todo o chão:  
— minhas ovelhas peidas  
precisam de ser tratadas  
pela sua condição...

Que o céu tão baixo e cerrado  
carrega de nuvens escuras  
a serra e o meu cuidado  
pelas ovelhas e as puras  
crias de olhar resignado.  
Eu sofro pelo meu gado,  
pelas suas amarguras.

E quando à tarde voltamos  
para o redil que nos espera  
no meio do campo absorto,  
ao frio que dilacera,  
Resta-me só um conforto:  
pensar que êste mundo morto  
terá uma primavera.

**F**urtivamente  
na luz do dia infiltra-se o luar.  
Ao pátio vêm chegando as mulas de trabalho  
de guiseiras de som tão argentino  
que são a própria voz da noite e do luar.

O olival é prata todo em roda.  
Os ralos cantam  
e um bafo morno corre,  
percorre a noite tôda,  
carregado de aroma acre e selvagem  
que vem lembrar  
o mistério sombrio  
de certos conhecidos recantos de paisagem.

No pátio ainda há gente a conversar,  
numa toada cada vez mais rara...

Há mais luar...  
É a noite vai-se abrindo  
nua, silente e clara.

FRANCISCO BUGALHO